



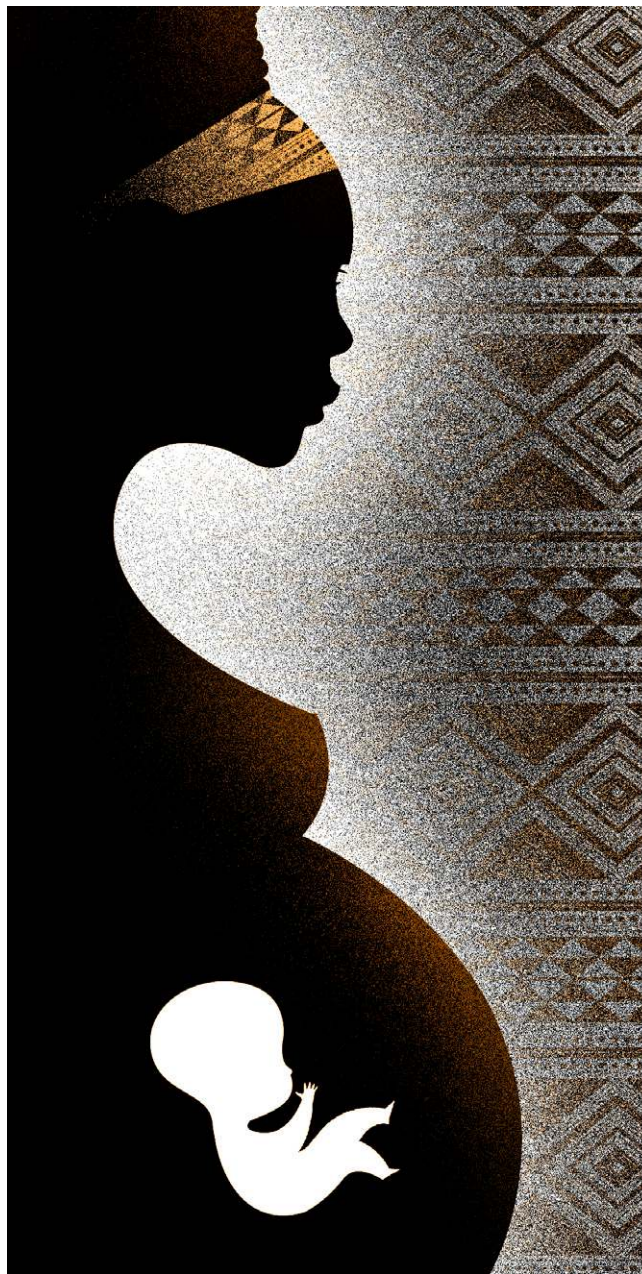
**O** Brasil é mesmo um país surpreendente! Ao mesmo tempo em que vive tantos desafios internamente, dispõe-se a liderar um movimento capaz de diminuir os números de desnutrição e mortalidade infantil na África. Recentemente, uma missão brasileira foi até Luanda, enviada pelo Ministério da Saúde e pela ABC — Agência Brasileira de Cooperação, para um congresso internacional de bancos de leite humano, em apoio a recém-nascidos de risco, especialmente os prematuros.

Lá, foram compartilhadas informações preciosas sobre o funcionamento de banco de leite humano, a importância da amamentação e da doação de leite humano, ordenha, coleta, transporte, estocagem, seleção e classificação do leite humano, pasteurização, controle rigoroso de qualidade e distribuição de leite humano, expertise desenvolvida por nossos geniais pesquisadores da BLH/Fiocruz — Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano, da Fundação Oswaldo Cruz.

Eu venho trabalhando com esses gênios há mais de duas décadas e me senti muito honrada em ter feito parte de uma equipe multidisciplinar que foi até Angola. Depois de um longo voo de São Paulo até Luanda, espremida numa fileira estreita de cadeiras sem ao menos um filminho para distrair (o sistema de entretenimento da TAAG, linha aérea angolana, estava fora do ar), com uma luz acesa sobre minha cabeça a noite toda (tentei pedir ajuda aos comissários de bordo, mas não teve jeito de apagar a luz situada bem em cima de mim), finalmente, pousamos. Para minha surpresa, o desconforto desapareceu imediatamente.

Havia chegado a minha hora de desembarcar naquele país irmão e oferecer minha pequena colaboração. Sou formada em psicologia, fiz meu mestrado em desenvolvimento humano e saúde na UnB. Minha participação no congresso

## Brasil exporta tecnologia preciosa para a África



foi relacionada ao tema que mais me comove: a importância dos primeiros mil dias de vida dos seres humanos, período em que se estabelece uma janela de oportunidade extraordinariamente potente para

que a saúde mental se estabeleça.

Falei sobre o papel fundamental do estabelecimento precoce do vínculo entre mãe e filho e das repercussões positivas de tais práticas.

Minhas primeiras horas em

Luanda foram interessantes: eu queria me aventurar pela cidade e aproveitar que os trabalhos só iriam começar na manhã seguinte, mas nossos anfitriões, membros do Ministério da Saúde de lá e da nossa embaixada, fizeram recomendações firmes de sair do hotel apenas com o grupo. Fiquei pensando se fazia sentido tanta precaução, afinal estou acostumada a andar livremente pelas ruas do Rio de Janeiro, mas, resignada, acatei as ordens. Depois entendi que o clima de insegurança nas ruas de uma nação que viveu em estado de guerra civil por tanto tempo não é algo a ser desprezado.

A cada minuto crescia a sensação de que nenhuma outra escolha poderia fazer tanto sentido para mim naquele momento.

Nosso trabalho começava cedinho, e durante todas as manhãs oferecemos treinamento aos 200 profissionais da área da saúde (médicos obstetras e pediatras e enfermeiros, em sua grande maioria mulheres) vindos das províncias de Bengo, Benguela, Bié, Cabinda, Cuando-Cubango, Cuanza Norte e Sul, Cunene, Huambo, Huíla, Lunda Norte e Sul, Malanje, Moxico, Namibe, Uíge e Zaire. Pela tarde, atuamos em sessões de falas de modelo híbrido, nas quais também participavam, remotamente, nossos parceiros de CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa), unidos por essa linda missão de apoiar o uso do leite materno para os recém-nascidos de risco, internados em UTIs neonatais.

Nas sessões da tarde, participaram ao nosso lado, também de forma presencial, parceiros de Cabo Verde, El Salvador, Guiné Equatorial, México, Moçambique, Paraguai, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, que já fazem parte dessa imensa rede de bancos de leite humano que tantas vidas salvas por todo o planeta.

Foi uma experiência enriquecedora, que me enche de felicidade em poder compartilhar com o amigo leitor.